



Enero 2020 - ISSN: 1988-7833

POTENCIAL TURÍSTICO DO LITORAL DE CONDE – PARAÍBA, BRASIL: DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

Matheus Guimarães Lima¹

Helena Cardoso Dalperio²

Eunice Ladeia Guimarães Amaro³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Matheus Guimarães Lima, Helena Cardoso Dalperio y Eunice Ladeia Guimarães Amaro (2020): "Potencial turístico do litoral de Conde – Paraíba, Brasil: desenvolvimento local sustentável", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (enero 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/01/potencial-turistico-brasil.html>

Resumo

O litoral do Sul da Paraíba, Brasil, possui conjuntos naturais de destacada exuberância, sendo Conde, um dos municípios que possui maior potencial para o estabelecimento de atividades turísticas que podem promover o desenvolvimento socioeconômico local. Nota-se, ao longo do extenso litoral brasileiro, que há lugares que são destinos turísticos reconhecidos apenas regionalmente, sendo, ainda, pouco divulgados em ações de marketing além dos limites regionais. Dessa maneira, empreendemos estudo quanto ao potencial turístico do litoral de Conde (PB). Para isso, foi realizada pesquisa bibliográfica, seguida por pesquisa de campo. Aferimos que há iminente processo de desenvolvimento turístico e adensamento urbano no município, entretanto a infraestrutura precária local é preocupante, não estando em consonância com seu potencial. Nesse prisma, vislumbramos um modelo de desenvolvimento sustentável que possa promover desenvolvimento econômico e, concomitantemente, a preservação do meio ambiente, sem abdicar do desenvolvimento social da comunidade local.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Planejamento. Turismo. Praia. Conde (PB).

Resumen

El litoral del sur de Paraíba, Brasil, posee conjuntos naturales de destacada exuberancia, siendo Conde, uno de los municipios que más tienen potencial para el establecimiento de actividades turísticas que puedan promover el desarrollo socioeconómico local. Se observa, a lo largo del extenso litoral brasileño, que hay lugares que son destinos turísticos reconocidos apenas regionalmente, siendo todavía poco divulgados en acciones de marketing más allá de

¹ Doutorando em Geografia – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestre em Geografia – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: mgl.geopp@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia – Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: cardosodalperiohelena@hotmail.com.

³ Doutora em Educação – Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: euniceladeia@yahoo.com.br.

los límites regionales. De esta manera, emprendimos estudio sobre el potencial turístico del litoral de Conde (PB). Se realizó una investigación bibliográfica, seguida de investigación de campo. Percibimos que hay inminente proceso de desarrollo turístico y densificación urbana en el municipio, sin embargo, la infraestructura precaria local es preocupante, no estando en consonancia con el potencial. En este prisma, vislumbramos un modelo de desarrollo sostenible que pueda promover desarrollo económico concomitantemente con la preservación del medio ambiente, sin abdicar del desarrollo social de la comunidad local.

Palabras clave: Desarrollo. Planificación. Turismo. Playa. Conde (PB)

Abstract

The south coast of Paraíba, Brazil has natural landscapes of outstanding exuberance, in this sense Conde is one of the cities with most potential for development of tourism activities that may promote socioeconomic development at local level. Along the Brazilian Atlantic coast, there are places that are tourism destinations recognized only regionally, lacking of marketing actions to make them famous beyond the limits of the region or state. In this sense, we conducted a survey about the tourism potential of the coast of Conde (PB). A bibliographic research was carried out, followed by field researches. We noted that there is a process of tourism development and urban densification taking place in the municipality, however, the precarious local infrastructure is worrisome and not in line with the potential. In this perspective, we envisage a model of sustainable development that may promote economic development and preservation of the environment and also social development of the local community.

Keywords: Development. Planning. Tourism. Beach. Conde (PB).

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as atividades turísticas têm se expandido e consolidado mundialmente em ampla escala. Muitos estudos apontam que o turismo tem se tornado um dos mais destacáveis vetores de desenvolvimento social e econômico em localidades com reconhecido potencial (USHER; EDWARDS, 1994; MAIO, 2004; XAVIER, 2007; SILVA, 2012).

Os estudos sobre o turismo são multidisciplinares e o interesse da Geografia pelo turismo se dá no âmbito das relações espaciais, sociais, políticas, culturais e econômicas.

Por sua característica espacial, os estudos de turismo têm constituído um campo de interesse para as pesquisas em diversas áreas. Esses estudos tem ganhado ênfase nas últimas décadas, face ao crescimento da atividade no mundo. Administradores, economistas, urbanistas, advogados, historiadores e geógrafos, tem encontrado no turismo muitas oportunidades e desafios para suas pesquisas (XAVIER, 2007, p. 13).

Assim, a Geografia promove análise do turismo na perspectiva da mundialização e da produção dos espaços. De acordo com Cruz (2001, p. 12) “o turismo é a única prática social que consome elementarmente espaço”. Sob esse viés, a referida autora propõe o entendimento do turismo a partir da Geografia com uma “abordagem geográfica do espaço do turismo”.

Nos últimos trinta anos, o fenômeno do turismo tem se expandido e consolidado em nível mundial. Conseqüentemente o turismo tem sido objeto de estudo tanto nas ciências sociais em nível teórico e analítico, bem como nas ciências aplicadas, em setores de planejamento, marketing e publicidade. Dentre as ciências sociais, a Geografia tem sido uma das que mais se abre aos debates relacionados a temas variados da contemporaneidade, compreendendo-os sob perspectiva multidisciplinar (LIMA, 2018b, p. 57).

A atividade turística, quando bem planejada e instituída, “pode oferecer inúmeras possibilidades para a geração de emprego e renda às comunidades locais, já que engloba importantes setores econômicos, como hotelaria e serviços, além de construção civil e transportes” (LIMA; MATTOS, 2018, p. 3).

Acrescenta-se que, quando o turismo passa a ser visto como uma alternativa para o desenvolvimento econômico, a articulação entre os vários setores da sociedade é fundamental.

Nessa visão, o turismo permite o diálogo entre o uso de antigas e novas formas urbanas, manifestações culturais e paisagens naturais.

A partir do entendimento do turismo enquanto fenômeno econômico, político, social e cultural que atua contemporaneamente [...] podemos identificar e analisar as mais variadas transformações ocorridas na paisagem, no espaço e na cultura local de determinadas comunidades. Em termos de conceito, o turismo surge como atividade econômica a partir do momento em que as viagens deixam de ser apenas por necessidade de deslocamento com fim de sobrevivência (nomadismo) e passa a originar lugares fixos, organizados, que atraem uma demanda de visitantes por algum motivo/atrativo (CALDAS, 2014, p. 26).

O turismo, a partir desse ponto de vista, ganha força entre os principais vetores do processo de globalização, pois tem mostrado ser um veículo importante em inovações tecnológicas e difusor de novas práticas sociais. Quando o desenvolvimento do espaço urbano ocorre em consonância e simultaneidade com o desenvolvimento do turismo, vislumbra-se o processo de urbanização turística do espaço. Dessa forma o turismo, a partir do consumo do espaço, atua na sua reprodução, de forma que induz à reconfiguração social, cultural e espacial das localidades (CRUZ, 2001; SILVA, 2012).

O turismo é uma parte das várias que compõem o espaço geográfico, e seu estudo revela a unicidade presente na relação homem-natureza que abrange aspectos culturais, econômicos, sociais, físicos, políticos etc. Além disso, o turismo possui características sincronizadas que atuam em conjunto na produção do espaço geográfico, em uma relação na qual se inserem setores diferentes da indústria, do comércio, dos serviços, bem como do poder público.

O Brasil figura entre os países com maior potencial turístico inexplorado, diante do modo de vida pós-moderno, permeado, constantemente, pelo ideal de “retorno à natureza” e por sua contemplação, ideal que vem sendo difundido, de maneira significativa entre as populações urbanas, sobretudo das grandes cidades e metrópoles, no que se convencionou chamar de procura pelo “estilo de vida sustentável” (XAVIER, 2007).

Na atualidade, diversas localidades ao redor do mundo têm investido em marketing, visando reconhecimento como lugares onde prevalece o “estilo de vida sustentável” e, “agregando valores à sua oferta, ressaltando a autenticidade de seus cenários naturais e culturais e, também, a importância do contato com a população de cada lugar, dentro do que se chama sentido do lugar” (MOLINA, 2003, p. 11).

Como em toda atividade humana, o turismo tem benefícios e contradições. Devemos destacar que o turismo, como componente do meio ambiente, é atingido por impactos de origem humana. Ressaltamos que, no que se refere às praias, especificamente, o principal risco, na maior parte das vezes, gira em torno da possibilidade de poluição dos recursos hídricos, o que acaba levando a uma situação em que a praia em questão passa a não ser mais frequentada por turistas.

Salientamos, ainda, que, em muitos lugares turísticos, a ocupação desordenada do espaço tem deixado marcas profundas de degradação natural e social, especialmente relacionadas à exclusão pelo turismo, que nem sempre considera a dimensão social em suas propostas de estudo.

Nesse sentido é válido destacar os estudos de Rodrigues (1997), que apresenta um modelo de desenvolvimento sustentável centrado na dimensão humana, além dos desenvolvimentos econômico e social. Isso indica que há interesse em criar condições sustentáveis referidas à dinâmica social, à qualidade de vida e à dinâmica natural.

O termo desenvolvimento sustentável, figura na literatura científica desde pelo menos a década de 1970, conforme registros da Conferência de Estocolmo, entretanto tem sido discutido de maneira ampla, na literatura geral e na mídia, a partir do Encontro ECO-92, tendo se apropriado de seu sentido diversos setores, desde a indústria até o meio acadêmico científico, bem como o mercado do turismo.

As definições de desenvolvimento sustentável são diversas, entretanto possuem, em geral, o pressuposto que defende que o uso dos recursos naturais de maneira parcimoniosa possibilita desenvolvimento econômico e social, sem se abdicar da preservação do meio ambiente.

Nessa perspectiva, Krippendorf (2002, p. 56) estabelece dois esquemas quanto aos “modelos de mundo” que possuímos. Um modelo trata de um “mundo real” e o outro trata de

“um mundo ideal”. No mundo real, a esfera econômica é que prevalece sobre a esfera social e a esfera natural, ao passo que, no mundo ideal, o que prevaleceria (hipoteticamente) seria a esfera natural, de forma que a esfera econômica seria sobreposta também pela esfera do desenvolvimento social, residindo, no mundo ideal de Krippendorf (2002), a noção de sustentabilidade que aqui buscamos.

Aliando os ideais de “retorno à natureza” e vida sustentável, dentre os diferentes segmentos turísticos, um que, certamente, se destaca no Brasil é o chamado “turismo de sol e praia” (ou, ainda, “turismo de sol e mar”, “turismo litorâneo”, “turismo de praia”, “turismo de balneário”, “turismo costeiro” e outras denominações). Diante dessa multiplicidade terminológica, o Ministério do Turismo do Brasil define como turismo de sol e praia “atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor” (NOVAES, 2012).

No Brasil, a disseminação do turismo de sol e praia iniciou-se na década de 1970, a partir do litoral fluminense e do litoral paulista, posteriormente se expandindo por todo o litoral nacional. Nesse sentido, destacamos que, atualmente, o turismo de sol e praia no Brasil tem como destino principal as praias da região Nordeste, muito em razão de suas características climáticas associadas à localização tropical, o que garante sol e calor durante todo o ano. Isso lhes confere características distintas dos litorais das regiões Sudeste e, sobretudo, Sul do Brasil, onde o turismo de sol e praia é sazonal, em decorrência da queda das temperaturas nos meses de outono e inverno (MORAES, 1995).

Algumas localidades na região Nordeste já se encontram estabelecidas como destinos turísticos do tipo sol e praia, contando com infraestrutura e rede de serviços especializados em turismo que atraem turistas brasileiros e estrangeiros. Dentre esses destinos, podemos citar, a título de exemplo, Porto de Galinhas (PE) e Pipa (RN), lugares que carregam a semelhança de serem núcleos urbanos pequenos, dotados de conjuntos de grande exuberância natural e localizados próximos a suas capitais estaduais (regiões metropolitanas de Recife e Natal, respectivamente).

Paralelamente, há lugares com grande potencial de desenvolvimento socioeconômico, a partir de atividades turísticas, que ainda não estão estabelecidos como destinos turísticos de destaque nacional e/ou internacional.

Nesse sentido, destacamos o litoral de Conde (PB), localizado ao sul da região metropolitana de João Pessoa, que é o objeto de estudo do presente artigo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos procedimentos metodológicos empregados na pesquisa que resultou no presente artigo, partimos da pesquisa bibliográfica, que é fundamental para as etapas seguintes da pesquisa. Conforme Lima (2018a, p. 20):

A pesquisa bibliográfica é um instrumento muito importante na construção de trabalhos científicos e influencia todas as suas etapas, fornecendo o embasamento teórico no qual o trabalho se apoia. Realizada por meio de leituras e fichamentos de informações pertinentes à investigação do objeto de estudo, é necessária e antecede todo trabalho científico, mesmo que de maneira preliminar.

Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas pesquisas de campo no litoral de Conde (PB). A pesquisa de campo tem sido amplamente utilizada na Geografia (TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018a) e é um procedimento metodológico “que remonta a um período anterior à sistematização da Geografia enquanto ciência, no século XIX” (LIMA, 2018b, p. 21).

De acordo com Suertegaray (1996, p. 2), a Geografia, ao longo do tempo, “valorizou o trabalho de campo [...] concebido como indispensável ao conhecimento da realidade (espaço geográfico) e seria através dele que os geógrafos teriam as informações à compreensão da organização dos lugares”.

Silveira (1936, p. 72), igualmente sustenta que a pesquisa de campo “torna mais apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos a solidez que só o contato com a realidade objetiva pode dar”.

Conforme Zusman (2011), a pesquisa de campo “adquiriu significados diferentes ao longo da história da Geografia” (p. 15, tradução nossa). Nesse prisma, destacamos que transformações na concepção de Geografia, tiveram como resultado a redefinição da

importância da pesquisa de campo nos processos relacionados à produção de conhecimento geográfico.

Para elaboração da representação cartográfica apresentada no presente artigo, utilizamos os softwares QGIS® Google Earth Pro®. Para edição de imagens utilizamos o software PhotoScape®. Ressaltamos que esses são softwares gratuitos, de acesso livre.

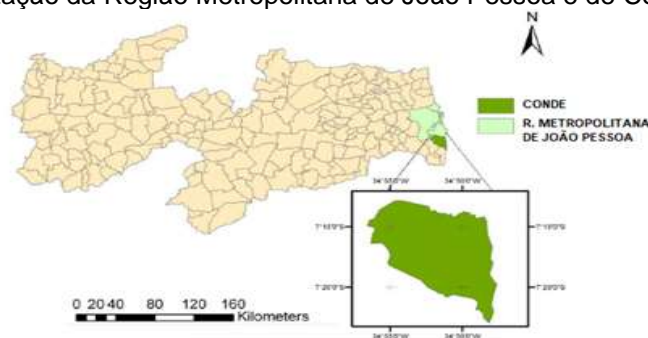
3. MUNICÍPIO DE CONDE

Conde originou-se de uma aldeia de índios da etnia Tabajara, a aldeia Jacoca. O primeiro contato com europeus deu-se em 1589, por razão da chegada de portugueses à Paraíba. Posteriormente, a Paraíba foi invadida por holandeses. Nesse momento, em 1636, surgiu o núcleo urbano que hoje é a sede do município. Nessa época, passaram a ocupar a área índios da etnia Potiguara, além dos índios Tabajara que já a habitavam antes. As interações entre os índios de diferentes etnias, entretanto, foram pacíficas.

Sob domínio holandês, a localidade recebeu o nome de Mauricea, uma homenagem ao então governador da Paraíba, Conde Maurício de Nassau. Em 1645, em razão da Insurreição Pernambucana, os holandeses foram expulsos e o poder português foi retomado. Mauricea recebeu, então, o nome de Vila do Conde (nome que guarda reminiscência da influência do Conde Maurício de Nassau).

Na divisão administrativa brasileira de 1911, a Vila do Conde tornou-se distrito de Conde, parte da “Cidade da Parahyba” (que posteriormente receberia o nome de João Pessoa). Conde somente viria a ser emancipado como município em 1963. Atualmente, o município de Conde (Figura 1) faz parte da Região Metropolitana de João Pessoa (PB), estando localizado a cerca de 20 quilômetros ao sul da capital do estado.

Figura 1 – Localização da Região Metropolitana de João Pessoa e de Conde na Paraíba.



Elaboração: os autores, 2018.

Em 2019, a população estimada é de 24.323 habitantes, distribuídos, principalmente, entre a sede do município e o distrito de Jacumã, que são os dois núcleos urbanos do município. Na tabela 1, podemos observar a evolução populacional em Conde nas três últimas décadas.

Tabela 1 – Evolução populacional de Conde (PB) desde 1991.

| Ano | População Total |
|------|-----------------|
| 1991 | 10.258 |
| 2000 | 16.413 |
| 2010 | 21.400 |
| 2019 | 24.323 |

Fonte: IBGE, 2019. Elaboração: os autores, 2019.

A sede do município (a cerca de 13 quilômetros da costa) tem algumas indústrias instaladas em seu território, além de polarizar empresas de logística, ao longo da BR-101, em razão da posição estratégica, às margens da rodovia que liga João Pessoa a Recife. Já nos limites da sede do município, têm sido lançados empreendimentos residenciais fechados de alto padrão nos últimos anos, como o residencial Damha (CALDAS, 2014).

A Sede, polarizada pela BR-101, se destaca sobretudo por algumas indústrias e [...] logísticos ao longo da rodovia, bem como por um espraiamento urbano ainda contido, visto que muito do que foi loteado ainda não foi construído, embora com a presença de loteamentos fechados (COSTA et al, 2017, p. 9).

A proximidade de Conde com a capital do estado (João Pessoa), nos leva a vislumbrar a organização do turismo, sob a perspectiva regional de Boullón (2002). Sendo Conde uma cidade pequena e desprovida de grande estrutura hoteleira, atemo-nos ao modelo composto por centros receptores e núcleos turísticos (BOULLÓN, 2002).

De acordo com a proposta de Boullón (2002), as regiões turísticas devem ter um centro receptor provido de estrutura hoteleira e de serviços, sendo sua função receber – via aeroporto/terminal rodoviário – e redistribuir os turistas para os núcleos turísticos da região.

Já os núcleos turísticos são os lugares dotados de atrativos turísticos, porém desprovidos – ou quase – de opções de hospedagem e pernoite (BOULLÓN, 2002; XAVIER, 2007). Dessa maneira, ao conceber o desenvolvimento de atividades turísticas em Conde, devemos conceber invariavelmente uma organização regional que, no contexto local, tem João Pessoa (capital do estado), localizada a cerca de 20 quilômetros, exercendo o papel de centro receptor, e Conde, o de núcleo turístico.

O acesso a Conde, a partir de João Pessoa, é feito pela rodovia PB-008 e leva cerca de 20 minutos de carro. Há, também, linhas de ônibus interurbanos que operam nos dois sentidos (João Pessoa - Conde; Conde - João Pessoa) a cada meia hora. O Aeroporto Internacional de João Pessoa – Presidente Castro Pinto (mais precisamente localizado no município de Bayeux, que faz parte da região metropolitana de João Pessoa), fica a cerca de 25 quilômetros de Conde e opera voos regulares para sete destinos no Brasil e para um destino no exterior (Tabela 2).

Tabela 2 – Companhias aéreas operantes no Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto (João Pessoa – Bayeux) e seus destinos.

| Companhia Aérea | Destinos |
|------------------------|--|
| Azul Linhas Aéreas | <ul style="list-style-type: none"> • Recife • Belo Horizonte (Confins) • Campinas |
| Gol Linhas Aéreas | <ul style="list-style-type: none"> • Rio de Janeiro (Galeão) • Brasília • São Paulo (Congonhas) • São Paulo/Guarulhos (Cumbica) • Buenos Aires, Argentina |
| Latam Linhas Aéreas | <ul style="list-style-type: none"> • Rio de Janeiro (Galeão) • São Paulo/Guarulhos (Cumbica) |

Elaboração: os autores, 2019.

Em relação às condições climáticas, em Conde, o verão é longo e quente; ao passo que o inverno é curto, morno e com maior índice de precipitação que o verão. O mês mais chuvoso é junho (média 336 milímetros), o menos chuvoso é novembro (média de 40 milímetros).

A época com menor cobertura de nuvens se inicia por volta do dia 27 de maio e perdura por 4,7 meses, até por volta do dia 18 de outubro. 12 de julho é, em geral, o dia com menor cobertura de nuvens no ano. A época mais encoberta do ano começa por volta do dia 18 de outubro e perdura por 7,3 meses, até por volta do dia 27 de maio. Em geral, o dia mais encoberto no ano é 23 de abril.

Em Conde, o dia mais longo do ano é 22 de dezembro (12 horas e 33 minutos de luz solar), o mais curto é 21 de junho (11 horas e 42 minutos de luz solar). Ao longo do ano, as temperaturas variam, de maneira geral, de 23°C a 31°C, raramente sendo registradas temperaturas abaixo de 22°C ou acima de 33°C (WEATHER SPARK, 2019).

Na tabela 3, observamos as temperaturas mínimas e máximas médias, além dos índices pluviométricos mês a mês em Conde (WEATHER SPARK, 2019).

Tabela 3 – Médias de temperaturas mínimas e máximas e de precipitação em Conde.

| Mês | Temperatura Mínima | Temperatura Máxima | Precipitação (milímetros) |
|-----------|--------------------|--------------------|---------------------------|
| Janeiro | 24° | 30° | 82 |
| Fevereiro | 24° | 30° | 118 |
| Março | 24° | 30° | 192 |
| Abril | 24° | 29° | 247 |
| Maio | 23° | 28° | 267 |
| Junho | 22° | 26° | 336 |
| Julho | 22° | 26° | 262 |
| Agosto | 22° | 26° | 163 |
| Setembro | 22° | 27° | 78 |
| Outubro | 23° | 29° | 42 |
| Novembro | 24° | 30° | 40 |
| Dezembro | 24° | 30° | 41 |

Elaboração: os autores, 2019.

4. O DISTRITO E NÚCLEO URBANO DE JACUMÃ

Na atualidade, o distrito de Jacumã tem cerca de 7 mil habitantes. Sua praia é a única praia urbanizada em Conde. No distrito, há algumas opções de hospedagem e, geralmente, turistas que desejam conhecer as outras praias de Conde, hospedam-se em Jacumã (COSTA et al, 2017).

Próximo à praia há um pequeno centro (Figura 2) composto por estabelecimentos comerciais e de serviços, entretanto é notável a ausência de agência bancária de qualquer banco em Jacumã, o que causa dificuldades a moradores e turistas.

Figura 2 – Pequeno centro comercial de Jacumã



Fonte: os autores, 2018.

Mesmo assim, a praia de Jacumã é muito popular regionalmente, sendo destino tradicional de moradores de João Pessoa nos fins de semana. Seu ápice de ocupação ocorre, entretanto, durante o período de carnaval, quando milhares de turistas oriundos de diversas cidades da Paraíba vão a Jacumã em excursões, o que gera transtornos decorrentes da falta de investimentos públicos em infraestrutura, sobrecarregando os sistemas de abastecimento locais (ocorre falta de água e de energia elétrica).

Os serviços de infraestrutura de apoio turístico são aqueles, que além de serem necessários para o bom funcionamento de qualquer localidade receptora, dizem respeito, também, aos serviços básicos de infraestrutura de qualquer localidade para qualquer comunidade. Durante o período em que ocorre o carnaval no distrito de Jacumã, os serviços básicos são atendidos com um padrão não adequado à demanda. O que mais fica a desejar durante o festejo, são: falta de água potável [...] e limpeza [...] com o lixo deixado pelos foliões (CALDAS, 2014, p. 79).

Entretanto, observamos que o mais sério, dentre os problemas estruturais crônicos, é o saneamento básico. Conde apresenta taxa de domicílios atendidos por rede de coleta de esgoto inferior às médias da Paraíba, da Região Nordeste e do Brasil (Tabela 4).

Tabela 4 – Taxas de esgotamento sanitário adequado.

| Esgotamento sanitário adequado | Taxa percentual |
|---------------------------------------|------------------------|
| Brasil | 44 % |
| Região Nordeste | 22% |
| Paraíba | 23% |
| Conde | 16% |

Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: os autores, 2019.

A taxa de domicílios urbanos em vias com urbanização adequada em Conde é de apenas 1%. Além disso, devido à inexistência de galerias pluviais, as ruas ficam alagadas e sujas após chuvas (Figura 3). Há, ainda, ligações irregulares de esgoto não tratado, despejado diretamente no mar.

Figura 3 – Rua principal de Jacumã após chuva.



Fonte: os autores, 2018.

Atualmente, entretanto, a praia de Jacumã tem passado por processo de melhorias estruturais e obras de reurbanização de sua orla, o que, há muito tempo, vinha sendo reivindicado pela população local (Figura 4).

Figura 4 – Obras estruturais em curso na praia de Jacumã.



Fonte: os autores, 2018.

As obras estruturais (galerias pluviais e calçamento) que estão sendo realizadas contemplam, ainda, equipamentos de prática esportiva e de lazer que ficarão à disposição da população local e dos turistas. Foram construídas, uma quadra de futebol de areia, uma quadra poliesportiva, uma pista de skate e um playground (Figura 5).

Figura 5 – Equipamentos esportivos e de lazer, orla da praia de Jacumã.



Fonte: os autores, 2018.

Desde o anúncio do conjunto de obras pelo governo da Paraíba, o valor do m² médio em Jacumã tem aumentado. Concomitantemente às obras estruturais que vêm sendo realizadas, tem ocorrido também um processo de verticalização habitacional, principalmente nas ruas próximas à praia, o que tem gerado processo de especulação imobiliária e adensamento urbano (Figura 6).

Figura 6 – Residenciais verticais recém-inaugurados ou em obras em Jacumã.



Fonte: os autores, 2018.

Sobre verticalização habitacional, conforme Ueda (2012, p. 119):

A verticalização é viabilizada pela técnica, mas, ocorre em função da necessidade do capital de multiplicar o solo e dele extrair uma renda fundiária. O preço da terra é determinado pelos diversos capitais que concorrem para sua apropriação, e sua conseqüente elevação faz com que, finalmente, o edifício vertical para habitação seja exclusivo, a princípio, das classes mais altas da sociedade.

Essa condição, entretanto, leva-nos a refletir quanto às possíveis conseqüências nocivas do processo de adensamento urbano em um lugar que, mesmo com os benefícios das obras que vêm sendo realizadas, possui deficiências estruturais notórias, como apontado anteriormente.

Fica evidente que o processo de adensamento urbano deve ser acompanhado de mais obras estruturais que evitem um panorama de caos urbano no distrito de Jacumã num futuro próximo, tendo em vista que essa dinâmica de expansão urbana sem planejamento tem sido constante desde a fundação do município de Conde em 1963 (Costa et al, 2017).

Somam-se a este cenário a falta de planejamento e a intensa atuação da especulação desregulada sobre o território, num processo identificável desde a emancipação política do Município, em 1963, com a crescente criação de loteamentos urbanos e rurais, numa dinâmica de especulação imobiliária, especialmente no litoral e no centro antigo (COSTA et al, 2017, p. 7).

Diante do observado, reportamo-nos ao conceito de desenvolvimento sustentável, cujas definições são diversas, mas que passam, de maneira geral, pela concepção comum que sustenta que o uso de recursos naturais, de maneira planejada, favorece o desenvolvimento socioeconômico do lugar em questão, além de promover a preservação do meio natural (LIMA; MATTOS, 2018).

Para que o turismo possa ser desenvolvido em escala maior em Conde, trazendo, de fato, benefícios para a comunidade local, é necessário que sejam executadas por parte do governo ações referentes ao planejamento estratégico urbano que sanem problemas estruturais crônicos e que possam promover o desenvolvimento local, sem abdicar da conservação do meio natural, com ênfase, em especial, para as proximidades da praia de Jacumã, que é a área mais crítica.

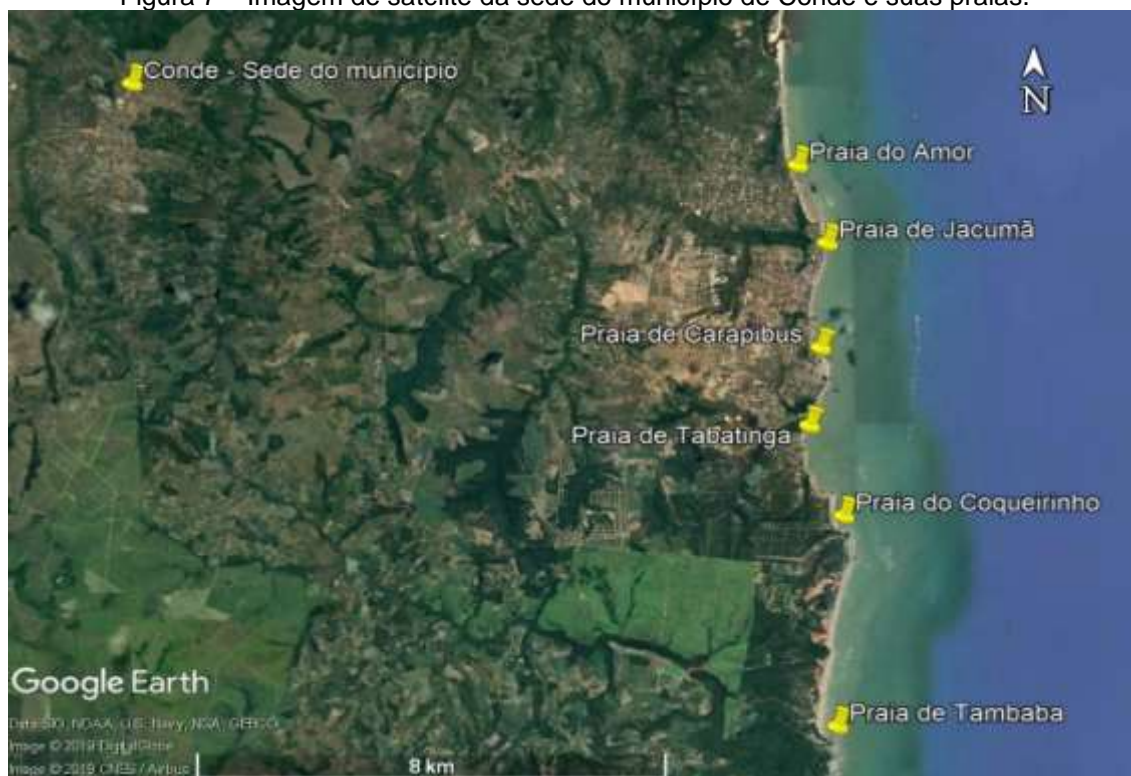
Neste sentido, Silva (2012), pertinentemente, sustenta que:

Não é tão simples para que um lugar possa ser inserido nas rotas do turismo. Sua potencialidade e vigor turístico são medidos e assim, sua vocação natural pode ser potencializada a partir de investimentos de capital em diversos setores, mas principalmente em infraestrutura de uso turístico (hoteleira, restauração, arte, cultura), atrativos e qualificação profissional, para que possa ter um mínimo de atratividade e oferecer conforto ou diferenciais para setores do mercado consumidor (SILVA, 2012, p. 54)

5. OUTRAS PRAIAS DE CONDE

A praia de Jacumã é a mais frequentada, dentre todas de Conde, muito em virtude da sua condição de praia urbana, diferentemente das outras praias do município, isso lhe garante acesso mais facilitado, além da existência de uma pequena rede de serviços. Há turistas, entretanto, que optam por se hospedar em Jacumã, com intuito primordial de acessar as outras praias do município, dentre as quais, destacamos as praias: do Coqueirinho, de Tambaba, do Amor, de Carapibus e de Tabatinga. Na figura 7, temos uma imagem de satélite que ilustra as praias citadas, bem como a sede de Conde (Figura 7).

Figura 7 – Imagem de satélite da sede do município de Conde e suas praias.



Elaboração: os autores, 2018.

A seguir, discorreremos, sucintamente, sobre essas praias de beleza esplendorosa, e que constituem alguns dos principais atrativos do litoral de Conde e da Paraíba.

5.1 PRAIA DO AMOR

A Praia do Amor apresenta trecho de falésias e um conjunto de formações calcárias – destaque para a Pedra Furada (Figura 8), cartão postal da praia – ao lado de um manguezal, adjacente à foz do rio Gurugi.

Figura 8 – Praia do Amor.



Fonte: SPERDUTO, S., 2018.

O local é bastante procurado para ensaios fotográficos de casais recém-casados da região, já que, conforme a tradição local, “os casais que passarem pelo arco de mãos dadas possuirão amor e casamento eterno” e os solteiros “encontrarão a pessoa amada” como pontua Caldas (2014, p. 62).

Na praia, há uma comunidade caiçara, cuja atividade econômica principal é a pesca artesanal. Há, também, algumas opções de bares e barracas, próximas às casas de veraneio, e uma pousada. Negativamente, observamos que há habitações subnormais – palafitas – sobre uma área de mangue, e é comum o trânsito de automóveis na faixa de areia da praia.

5.2 PRAIA DE CARAPIBUS

A Praia de Carapibus possui orla aberta e apresenta a formação de maceiós e falésias, além de uma área de mangue. Dotada de beleza cênica (Figura 9), atualmente, a praia passa por processo de urbanização e já há alguns bares, restaurantes e pousadas próximos à praia. Além disso, há um loteamento onde, pouco a pouco, começam a surgir residências de veraneio. Nota-se, entretanto, que a praia de Carapibus ainda não conta com abastecimento de água, sendo as necessidades hídricas supridas por meio de poços artesianos. Há, também, uma pequena comunidade caiçara, cujos membros desenvolvem pesca artesanal.

Figura 9 – Praia de Carapibus.



Fonte: MURILO, C., 2018.

5.3 PRAIA DE TABATINGA

A Praia de Tabatinga (Figura 10) possui orla aberta, com leve concavidade, entremeada por fozes (do rio Bucatu, do maceió Paratibe e do riacho Tabatinga). O relevo da praia é levemente acidentado, marcado por formações calcárias e arrecifes areníticos, além de uma estreita área de falésias.

Figura 10 – Praia de Tabatinga.



Fonte: MURILO, C., 2018.

A área imediata à faixa de areia passa por processo de urbanização (Loteamento Balneário Novo Mundo) e há presença de casas de veraneio. A praia de Tabatinga conta com abastecimento público de água, entretanto, o acesso à praia é precário (atualmente vêm sendo realizadas obras de pavimentação no acesso a partir da rodovia PB-008). Como em outras praias do município, é recorrente o tráfego de automóveis na faixa de areia.

5.4 PRAIA DO COQUEIRINHO

A praia do Coqueirinho, é constituída por um planalto costeiro, entremeado por falésias, próximas à faixa de areia da praia, mais estreita ao norte que ao sul. Há presença de alguns córregos que deságuam no mar e também há um trecho pequeno de manguezal. Como o nome da praia sugere, toda sua extensão possui coqueiros que garantem sombra constante na faixa de areia da praia (Figura 11).

Figura 11 – Praia do Coqueirinho, Conde (PB).



Fonte: MURILO, C; HOLLAND, T., 2018.

Na adjacência da praia, há um loteamento com algumas residências de alto padrão, além de uma pequena comunidade caiçara de pescadores que vivem em residências rústicas. Não há, porém, rede de coleta de esgoto, e o acesso ao local é precário, via estrada sem pavimento, que se torna de trânsito dificultoso após chuvas, dada a natureza do terreno.

A praia do Coqueirinho é muito visitada nos finais de semana e feriados. Não há, entretanto, qualquer controle quanto ao acesso de veículos à faixa de areia da praia, o que causa transtornos, desde atolamentos de veículos e derramamento de óleo, até o

favorecimento de processos erosivos, em razão do peso dos veículos, em sua maioria camionetes de grande porte, pertencentes a pessoas que possuem casa de veraneio no loteamento próximo à praia.

5.5 PRAIA DE TAMBABA

A praia de Tambaba carrega a distinção de ser uma praia naturista, sendo a única desse tipo no litoral da Paraíba. A área dedicada à prática exclusiva do naturismo é limitada a um trecho da praia, sendo sinalizada com placa. No trecho restante, a prática do naturismo é opcional, mas notamos que a maioria das pessoas que frequentam esse trecho no qual é opcional a prática do naturismo, optam por não o fazer (Figura 12).

Figura 12 – Praia de Tambaba, Conde (PB).



Fonte: VESPA, T., 2019.

Conforme Caldas (2014, p. 82):

Tambaba foi a primeira praia a permitir a prática do naturismo no Brasil. A prática é organizada pela Sociedade Naturista de Tambaba, a qual é responsável pelas leis, regimentos e comportamentos para a utilização da praia.

A praia de Tambaba apresenta níveis elevados de erosão na área das falésias adjacentes à faixa de areia da praia. Percebemos, portanto, uma tendência à formação de voçorocas e cânions. A vegetação da praia de Tambaba é remanescente de Mata Atlântica, e o acesso é precário, similar ao acesso à praia do Coqueirinho.

Na área após as falésias da faixa de areia, há processo latente de urbanização. Nessa área identificamos dois loteamentos, de nomes “Colinas de Jacumã” e “Enseada do Grau”, entretanto à época da pesquisa, nenhum dos dois possuía rede de esgoto, tampouco de abastecimento de água ou casas construídas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do reconhecido potencial de desenvolvimento turístico de Conde, devemos nos pautar em um modelo de desenvolvimento sustentável, no qual a esfera econômica não se sobreponha de maneira exacerbada à esfera do desenvolvimento social, tampouco à do meio ambiente.

Nessa perspectiva, atemo-nos ao “mundo ideal” de Krippendorf (2002), no qual o desenvolvimento sustentável se dá pela priorização da esfera social, sendo ela sobressalente em relação à esfera econômica.

De que forma for, o caminho rumo a um modelo de desenvolvimento sustentável é bastante árduo, tendo em vista as múltiplas ações que devem ser efetuadas, principalmente pelo poder público. A deficiência nos sistemas de abastecimento elétrico e de água, bem como a falta de rede de esgoto e de galerias pluviais, leva à necessidade de se repensar qualquer idealização de crescimento das atividades turísticas no litoral de Conde.

A reurbanização da orla da praia de Jacumã, iniciada em 2018, sugere que mais investimentos públicos podem vir a ocorrer, diminuindo, dessa maneira, as deficiências estruturais do município e tornando-o mais apto ao desenvolvimento de atividades turísticas.

Deve-se notar, entretanto, que já passa a ocorrer processo de verticalização nas ruas próximas à praia de Jacumã, o que tem gerado processo de especulação imobiliária, que, fatalmente, pode desencadear processo de gentrificação, principalmente nas praias do Coqueirinho e de Tambaba, onde há loteamentos recém-lançados que desalojaram famílias de pescadores e, em grande parte, cujos lotes, alguns dos quais com vista panorâmica para o mar, já estão com as vendas esgotadas, e devem alcançar grande valorização nos próximos anos.

Devemos salientar, também, que os acessos às referidas praias (Coqueirinho e Tambaba) não são pavimentados e os serviços especializados são escassos, quando não, inexistentes, dependendo do dia e horário. Além disso, pudemos testemunhar automóveis de grande porte, circulando e estacionados na areia da praia, o que constatamos ser prática corriqueira.

Essas condições, apontam que é necessário, além de obras estruturais, que sejam desenvolvidas ações de educação ambiental com o intuito de coibir esse tipo de atitude. Não podemos deixar de notar, porém, que a fiscalização é inexistente, o que deixa evidente mais uma falha do poder público em seu exercício.

Por fim, concluímos que Conde tem grande potencial turístico, ainda inexplorado plenamente, o que não é, necessariamente, ruim, diante dos problemas estruturais locais. Seus ricos conjuntos naturais, materializados por meio de suas exuberantes praias, entretanto, conferem ao município a possibilidade de se desenvolver socioeconomicamente, a partir do desenvolvimento de atividades turísticas, que viriam a beneficiar a população local.

Para que essa condição se materialize, porém, é necessário, primeiramente, que investimentos públicos em infraestrutura ocorram, de maneira que o meio ambiente local não se degrade e que a infraestrutura seja condizente com o número de turistas.

REFERÊNCIAS

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: EDUSC, 2002.

CALDAS, R. A. **Potencial turístico e produção/transformação do espaço pelo turismo no município do Conde – PB**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

COSTA, H. S.; SILVA, G. J. A.A.; TORTORA, F.; SILVEIRA, J. A. R.; Masterplan para o município de Conde-PB: Um plano estratégico de desenvolvimento urbano e territorial, 2017-2020. In: ENCONTRO NACIONAL DE REDE OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2017, Natal. **Anais do Encontro Nacional de Rede Observatório das Metrôpoles**. Natal, 2017.

CRUZ, R.C.A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

IBGE. **Censo demográfico**. 2010. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/> > Acesso em: 12 mar. 2018.

_____. **Cidades e Estados**. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/conde.html>> Acesso em: 12. jun. 2019.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2000.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

_____. Produção do Espaço e Turismo Religioso em Santo Expedito/SP. **Revista Presença Geográfica**, v. 5, n. 1, p. 57-71, 2018.

_____; MATTOS, A. B. O Potencial Ecoturístico dos Municípios de Rochedo e Corguinho/MS. In: XII FORUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 2018, Foz do Iguaçu. **Anais do XII Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu**. Foz do Iguaçu, 2018, p. 1-15.

MAIO, C. A. Turismo religioso e desenvolvimento local. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 12, nº1, p. 53-58, 2004.

MOLINA, S. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

MORAES, A. C. R. **Os Impactos da Política Urbana Sobre a Zona Costeira**. Programa Nacional do Meio Ambiente. Brasília. 1995.

MURILO, C. **Praia de Tabatinga**. 2018. Disponível em: < <https://viagemturismo.abril.com.br> > Acesso em: 14 jun. 2018.

_____. **Carapibus**. 2018. Disponível em: < <https://www.feriasbrasil.com.br/>> Acesso em: 15 jun. 2018.

_____; HOLLAND, T. **Praia do Coqueirinho**. 2018. Disponível em: < <https://viagemturismo.abril.com.br> > Acesso em: 14 jun. 2018.

NOVAES, L. N. S. **Turismo de Sol e Mar: Empreendimentos Turísticos Imobiliários e o Desenvolvimento Urbano e Socioeconômico do Litoral do Ceará – O caso de Beberibe**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento multidisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, C. H. C. O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma Prática Socioespacial. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 16, nº 2, p. 47-61, 2012.

SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 2, nº4, p. 71-73, 1936.

SPERDUTO, S. **Praia do Amor**. 2018. Disponível em: <<https://www.feriasbrasil.com.br/pb/condepb/praiadoamor.cfm>> Acesso em: 13 jun. 2018.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e trabalho de campo. In: COLÓQUIO: O DISCURSO GEOGRÁFICO NA AURORA DO SÉCULO XXI, 1996, Florianópolis. **Anais do Colóquio: O discurso geográfico na aurora do século XXI**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Geografia UFSC, 1996. p. 1–11.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.

UEDA, G. S. **Verticalização das cidades brasileiras: uma desconstrução do espaço social**. (2012). Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2012.

USHER, R.; EDWARDS, R. **Postmodernism and education**. London: Routledge, 1994.

VESPA, T. **O que Tambaba tem? Passei uma semana pelada em uma praia naturista**. 2019. Disponível em: <<https://viagem.uol.com.br/noticias/2019/06/17/passei-uma-semana-pelada-em-uma-praia-naturista.htm>> Acesso em: 23 jun. 2019.

WEATHER SPARK. **Condições meteorológicas médias de Conde Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://pt.weatherspark.com/y/31434/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Conde-Brasil-durante-o-ano>> Acesso em: 12 jun. 2019.

XAVIER, H. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

ZUSMAN, P. La tradición del trabajo de campo en Geografía. **Geograficando**, La Plata, v. 7, nº 7, 2011.